

ESPAÇO, MEMÓRIA E AFETOS EM MEMORIAL DE MARIA MOURA

Ana Críscia do Nascimento Lima*

Ana Paula Rabelo e Silva**

RESUMO

A presente pesquisa visa analisar as construções discursivas dos aspectos espaciais das fazendas apresentadas na obra *Memorial de Maria Moura*, de Raquel de Queiroz, estabelecendo diálogo com as fazendas “Não me Deixes” e “Marias Pretas”, localizadas em Quixadá-CE. Ademais, buscamos relacionar os materiais apresentados com os dados coletados em pesquisa de campo. Para tanto, foram utilizados os conceitos de territorialidade proposta por Raffestin (1993), afeto e memória por Meneghetti (2005). A pesquisa é bibliográfica e qualitativa, interpretativista, caracteriza-se por ser exploratória. Como instrumentos de análise de dados, utilizamos a observação assistemática, com coleta de dados por meio de diário de campo e registro fotográfico para caracterizar fisicamente a fazenda “Não me deixes” e a fazenda “Marias Pretas”, que são representadas literariamente na obra: Limoeiro (primeira Parte), Casa Forte (segunda parte) e Marias Pretas (de outro grupo familiar). A pesquisa identificou que marcas físicas das fazendas de Raquel de Queiroz estão presentes nas narrativas de Maria Moura, com carga afetiva significativa.

Palavras-chave: Literatura. Memória. Afeto.

ABSTRACT

This research aims to analyze the discursive constructions of the geographical aspects of the farms presented in the work *Memorial de Maria Moura*, by Raquel de Queiroz, establishing a dialogue with the farms “Não me Deixes” and “Marias Pretas” located in Quixadá-CE. In addition, we seek to relate the descriptions presented with the data collected in field research. For that, the concepts of territoriality proposed by Raffestin (1993), affection and memory by Meneghetti (2005) were used. Qualitative, interpretive research is characterized by being exploratory. As instruments of data analysis, we use unsystematic observation, with data collection through a field diary and photographic record to physically characterize the farm “Não me Deixes” and the farm “Marias Pretas”, which are represented in literary terms in three: Limoeiro (first part), Casa Forte (second part) and Marias Pretas. (from another family group). The research identified that physical marks of Raquel de Queiroz's farms are present in Maria Moura's narratives, with significant affective load.

Keywords: Literature. Memory. Affection.

*Graduanda em Letras – Língua Portuguesa *– Língua Portuguesa, Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção – Ceará – Brasil. E-mail: anacrisia19@gmail.com

**Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. E-mail: anarabelo.p@unilab.edu.br

ESPAÇO, MEMÓRIA E AFETOS EM MEMORIAL DE MARIA MOURA

INTRODUÇÃO

As primeiras palavras da pesquisa teciam linhas de memória minhas ainda no espaço que habitei quando criança. O meu interior e o interior do sertão central do Ceará tinham lá em alguns pontos as mesmas marcas, melhor dizendo, as mesmas memórias de afetos cravadas em suas pedras. No primeiro contato com a obra “Memorial de Maria Moura”, de Rachel de Queiroz, li pelas imagens de Maria Moura, fotografias que ainda pertenciam à minha família, aos meus. Estavam ali também, entre Maria e Raquel, memórias de palavras arrancadas das partes mais áridas da minha terra natal.

Como afirma Bakhtin (1993, p. 28), que a temporalidade em relação à historicidade do sujeito é tão somente uma abstração conhecida momentânea da própria historicidade, que de tão larga, ampla e complexa pode tornar o mais significativo dos eventos apenas um entre os muitos outros que é abstratamente capaz de suportar. Mas esse tempo que pousa em mim ou em algum ponto entre Maria Moura e Raquel de Queiroz carrega a abstração necessária para permitir esses encontros temporal, quando o aqui e o agora são meus e seus em qualquer lugar do Brasil e em diferentes tempos históricos. Assim, mais uma vez, esta pesquisa dialoga com Bakhtin: “O momento abstrato da validade extra-temporal [sic] da verdade pode ser contraposto ao momento igualmente abstrato constituído pela temporalidade do objeto da cognição histórica” (BAKHTIN, 1993, p. 28).

Como um véu, uma sombra das hastes de uma água-viva, uma linha tênue entre territorialidade, temporalidade, memória e afeto perpassa aquilo que é Maria Moura, aquilo que sente Raquel de Queiroz e o que nos invade quando percebemos nossa terra cravejada nas palavras de um livro que ajuda a perceber o que é o Ceará.

A partir desse lugar de pesquisadora, o presente trabalho tem por objetivo analisar as construções discursivas de aspectos espaciais das fazendas “Não me deixes” e “Marias Pretas” (Limoeiro, Casa Forte e Marias Pretas) mencionadas em trechos das memórias de Maria Moura (da obra *Memorial de Maria Moura*, de Raquel de Queiroz). Além desse objetivo, também buscamos relacionar as descrições apresentadas com os dados coletados em pesquisa de campo e observações desses espaços.

Reconhecendo a amplitude da pesquisa e a impossibilidade de, neste momento, aprofundar nas investigações em campo com coleta de entrevistas, optamos pela apresentação de apenas dois ambientes: A fazenda “Não me deixes” e a Fazenda “Marias Pretas”, estabelecendo um paralelo com os locais descritos na obra: a) Limoeiro (fazenda 1); b) Marias Pretas (fazenda 2); e c) Casa Forte (fazenda 3).

a. Limoeiro (Referência a “Não me deixes”) (1): Local onde a personagem Maria Moura residiu na infância e adolescência, configurada como uma fazenda situada no sertão, característica em sua maioria pela vegetação da catinga arbustiva. A fazenda Limoeiro descrita no livro Memorial de Maria Moura evoca em suas linhas espaciais e nuances que perpassam a transitividade dos efeitos afetivos na construção do espaço territorial, no qual a autora transcorre a história na obra. Pode-se averiguar ao decorrer das categorizações refletidas, ao citar a fazenda Limoeiro, contextualizações que agregam ao elemento “fazenda” uma carga de afetividade rememorando trajetórias pessoais da autora (dada a relação entre a fazenda da ficção, Limoeiro, e a fazenda de Quixadá, “Não me deixes”). Assim, a análise escolhe estabelecer ligação entre territorialidade, memória e afeto. Uma característica fundamental na análise é a apresentação descritiva da fazenda (1) e (2) em paralelo às fotografias de sua própria fazenda em que residiu na cidade de Quixadá-CE nos transportando a reviver e delinear a imaginação utilizando daquele ambiente como base para idealizar as aventuras apresentadas nas narrativas do livro. O que salta aos olhos no momento de análise é a relação em que o ambiente evoca em suas linhas elementos encontrados na fazenda “Não me deixes”, com a fala de um morador da fazenda (coletado em uma visita de campo), reafirmamos o dado de que este nome fora escolhido por meio de uma despedida entre um morador de longa data da fazenda com a autora Raquel de Queiroz. Através dos relatos e dos ensaios fotográficos podemos visualizar a criatividade minuciosa e encantadora que a autora transpõe no papel, suas afeições e ligação com a arte literária e a subjetividade de sua trajetória.

b. Marias Pretas (Referência à Fazenda “Marias Pretas”) (2): Local onde residem os personagens Marialva, Tonho e Irineu, primos de Maria Moura. Em suas narrativas, podemos perceber uma carga negativa ao retratar a localidade. Na trama, os primos querem tomar posse do terreno da Fazenda “Limoeiro”, considerado os seus direitos de herança das terras em que Maria Moura reside. O que chama a atenção é o fato de existir entre o território ao redor da fazenda “Não me deixes” localidades nomeadas Maria Pretas, bem como Fazenda Olho d’água (Anexo II) e Lagoa da Ema. (Anexo III) Contudo nos atentaremos apenas as duas fazendas citadas nos tópicos a, b e c.

c. Casa forte (Referência a “Não me deixes”) (3) Local onde Maria Moura situa sua segunda fazenda, se distanciando do primeiro cenário. Lá, ela levanta uma nova casa ao redor de dois serrotes nomeados como Serra dos Padres. A fazenda, embora longe espacialmente do primeiro território, entrelaça características da fazenda “Não me deixes”. Portanto, esse enlaçamento entre ficção e realidade evoca elementos pontuais observados na fazenda de Raquel de Queiroz.

Esses lugares foram escolhidos por serem ambientes de minha memória afetiva e por, nesse momento, haver a possibilidade de acesso e diálogo com pessoas do local.

O presente artigo está organizado da seguinte forma, primeiramente, fazemos uma reflexão sobre os conceitos de temporalidade e espacialidade. No segundo momento, apresentamos a metodologia da análise dos dados. E, uma vez apresentados os dados, apresentamos as considerações finais.

1 TEMPORALIDADE E ESPACIALIDADE: MEMÓRIAS DE AFETOS.

Como conceituar territorialidade? Pode-se perceber uma grande variedade de conceitos que dependem do contexto de pesquisa realizada. Porém, este trabalho propõe um entrelaçamento conceitual entre territorialidade, memória e afeto. A escolha da territorialidade na literatura ocorreu em decorrência do realismo nas narrações do cenário onde ocorre a narrativa da obra *Memorial de Maria Moura*.

Raffestin (1993, p.43 *apud* Silveira, 2011. p.22) apresenta em uma de suas definições, “territorialização como processo de apropriação, seja ela concreta ou simbólica (pela representação, por exemplo)”. Para o pesquisador

Territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas (Raffestin, 1993, p. 158 *apud* Menezes; Cardoso, 2017, p. 105).

Assim, a relação metonímica construída entre Raquel de Queiroz e sua fazenda “Não me deixes” pode ser encontrada em outras situações no texto da obra analisada, como discutiremos mais adiante. A escolha do nome da fazenda ocorreu pelo desligamento do grupo de um dos trabalhadores. A escritora Raquel de Queiróz tinha uma relação de afeto com essa pessoa e, na sua partida, disse: “Não me deixes”. O trabalhador não estaria deixando Raquel, mas a fazenda. A escritora, contudo, entendia a ruptura afetiva como um desligamento pessoal. O afeto

envolvido nessa relação foi tão forte que o nome da fazenda passou a ser chamado de “Não me deixes”. Uma territorialidade subjetiva construída por outras experiências que só uma pesquisa de campo mais detalhada permitiria observar outros dados.

Segundo Raffestin (1903), “[...] o mesmo ator, ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, territorializa o espaço” e essa apropriação territorializa a partir de uma relação de poder subjetiva que é validada pelos que estão no entorno. Isso ocorre quando o pai de Maria Moura se apropria do território deixado pelo seu pai para todos os filhos. Ele, o pai, se comporta como o único herdeiro (se vale do *usucapião*, em uma reflexão subjetiva sobre a permanência de seu pai no território). Após a morte dos pais, os trabalhadores da Fazenda Limoeiro tratam Maria Moura como a herdeira legítima, mesmo que os primos da Fazenda Maria Pretas estejam contestando as terras.

O poder da família de Maria Moura é forte o suficiente para permitir que o pai permaneça no território e para que os funcionários a tratem com devoção quando ela se desloca de Limoeiro para fazenda Casa Forte. Ao partir, Maria Moura queima todas as posses, não deixando marcas dos afetos e das relações ali estabelecidas, apenas a terra seca, para que uma nova história não pudesse ser construída sobre a sua memória.

A noção de territorialidade como espaço apenas descritivo e físico, nesta perspectiva, encontra-se afastada, evidenciando estes elementos dialogados entre duas concentrações de análise, sobre como a representatividade territorial transmuta entre afetividade e memória. A territorialidade como limites físicos de território não contempla mais nem a Geografia, nem outras áreas que dialogam com esses conceitos, como a Sociologia, Antropologia, Literatura, dentre outras.

E como é perceptível à sublimação entre recordações e o processo de criação do cenário imagético ficcional desenvolvido na obra, buscando compreender a forma em que estas representações espaciais corroboram para evidenciar essa hipótese.

Em continuidade, aborda-se como estas relações de poder proporcionadas através de determinações hierárquicas são apresentadas, consta-se uma dominância de Maria Moura nas relações com os seus capangas devido à transferência de dominância em que os residentes da fazenda detinham aos donos da fazenda, Maria Moura por ser filha de fazendeiro recebe a mesma carga de poder, antes devotada aos seus pais.

Assim, a identificação de uma hierarquia social econômica designada através de extensões territoriais leva-se a constatar que o espaço é visto como propulsor de uma determinada conjuntura social desenvolvidas naquele meio, como bem afirma Sack (2011, pg. 76) “[...] territorialidade será definida como a tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar,

influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica. Essa área será chamada de território”.

Através destas percepções é notório a evidência das relações de poder e a criação de identidades. Segundo Meneghetti (2005, p. 2)

Quando um escritor está diante da sua página em branco, está na realidade frente a um dilema afetivo de criação. A sua memória, nesse momento, se expande e se contrai, como o próprio Cosmo, num pulsar criativo aonde o tempo é pura criação de espaços.

Considerando neste momento a carga afetiva existente na criação da narrativa, percebe-se que as caracterizações espaciais, evocam em seu discurso elementos, que não simplificam representações do real, mas nos instigam a entender como estas vivências estão representadas de forma afetiva e particular de suas memórias, vislumbrando a criatividade do autora, carregando em seus aspectos cargas do próprio indivíduo e do seu contexto social.

Como afirma Meneghetti (2005), as ações afetivas se realizam entre a relação de associações criativas entre autor e leitor, reproduzindo esse diálogo memorial e imaginativo.

Esse leitor em seu devaneio imaginativo, adentra pela imaginação produzida pelo escritor e chega assim, à dimensão do imaginário, comum a um e ao outro, construindo para o texto uma outra possibilidade simbólica, somente viável diante do encontro autor e leitor, no texto, em sua dimensão narrativa, em seu espaço feito de lembrança e inventiva, mas com tal força semântica e poética, que pode mesmo ser confundido com a própria realidade fora do texto, num processo mimético de *verossimilhar* o inverossímil (MENEGETTI, 2005. p. 4-5).

Com isto, entender como estes processos criam indagações frutíferas, fazendo pensar de que forma e grau tais memórias foram reconfiguradas, em que instâncias o emocional da autora impulsionou a escrita. “Tratar o afeto e a afetividade na perspectiva de uma construção metodológica e epistemológica geográfica, em ciência literária, significa levar em conta a emoção evocada pela lembrança, quando o ficcionista faz emergir da memória os elementos construtivos da sua inventiva textual.” (MENEGETTI, 2005. p.5).

2 DESENVOLVIMENTO

A pesquisa qualitativa, interpretativista, se caracteriza por ser exploratória. Mesmo com ênfase na análise da relação entre as narrativas na ficção e na obra *Memorial de Maria Moura*, apresentamos dados coletados em pesquisa de campo, a partir de notas registradas em diário de campo e fotografias. Utilizamos a pesquisa de campo como metodologia para observar, coletar e analisar os dados no cenário em que se encontra o objeto de estudo, valendo-se de visitas as duas fazendas, fotografias com o celular Samsung J7, conversas informais não gravadas com

os moradores das localidades onde ficam as fazendas “Não me deixes” e “Marias Pretas”, com o intuito de traçar uma interpretação acerca das problemáticas e hipóteses desenvolvidas na pesquisa.

O diário de campo foi instrumento de coleta de dados apropriado para realizar anotações acerca do estudo e das ações durante o processo de exploração dos conteúdos a serem coletados (GIL, 2008, p. 150). Utilizamos essa ferramenta para anotar os relatos dos moradores, observações acerca dos espaços e ponderações para serem refletidas posteriormente. O diálogo com os moradores consistiu em conversas informais. Eles foram previamente avisados sobre a pesquisa, dada a necessidade de um momento apenas para auxiliar na reflexão sobre o espaço e as afetividades da autora, não realizamos entrevistas considerando a limitação de tempo para desenvolvimento e análise, porém através destas percepções, podemos perceber a necessidade de um estudo posterior acerca do tema.

Além disso, realizamos a leitura de toda a obra *Memorial de Maria Moura*, de Raquel de Queiroz, delimitando os trechos da narrativa da personagem Maria Moura.

Criamos um quadro de sistematização das descrições, (Anexo I), ele serviu para observar como ocorrem as categorizações. Optamos pela análise de apenas três espaços: Limoeiro (1 - Anexo IV), Marias Pretas (2) e Casa Forte (3). O quadro foi delimitado para evidenciar as recorrências da utilização destes nomes e os elementos do contexto, ou seja, agrupamos todas as vezes em que os nomes foram citados e os trechos que referem-se aos mesmo através de descrição, no segundo momento o quadro foi delimitado, apresentando trechos que apresentavam períodos com elementos descritivos dos territórios,

3 ANÁLISES

Os aspectos territoriais construídos durante as narrativas da personagem Maria Moura possibilitaram a experiência analítica desta pesquisa. Para tanto, analisamos a integração entre territorialidade, memória e afeto, através dos trechos destacados no quadro de sistematização concomitante as fotos das fazendas “Não me deixes” e “Marias Pretas”.

Análise dos espaços, a partir do trecho da obra *Memorial de Maria Moura*, está organizada por temas. O primeiro deles traz o quarto da personagem.

[trecho 1 – quarto] Eu já estava caída no chão, de joelhos, gritando sempre, batendo com a cabeça nos ladrilhos. Vi quando João levantou Mãe e carregou com ela para a cama, deitou Mãe no colchão, com todo cuidado, como se fosse uma criança. Eu me arrastei nos joelhos até aos pés da cama, João Rufo ia cobrindo o rosto de Mãe com a ponta do lençol, mas eu puxei a mão dele e gemi [...] (QUEIROZ, 2010, p.17)

Um dos quartos da Fazenda “Não me deixes” é construído por elementos muito específicos como: baú, cama com dorsal, janelas azuis sem venezianas, como podemos perceber na imagem 1.

Imagem 1 – Quarto de Raquel de Queiroz na Fazenda “Não me deixes” – Quixadá-CE.



Fonte: Produção da pesquisadora.

A tessitura da trama de Rachel de Queiroz é por si uma alegoria de caracterizações espaciais. “Tudo se passa como se, nesse conjunto de imagens que chamo universo, nada se pudesse produzir de realmente novo a não ser por intermédio de certas imagens particulares, cujo modelo me é fornecido por meu corpo.” (BERGSON, 1999. p.15) As memórias podem ser um transmitidas ressignificadas, atreladas à potencialidade das abstrações corpóreas e sentimentais respaldam um novo valor as imagens e situações vividas.

O [trecho I – quarto] nos permite visualizar o momento em que Maria Moura encontra sua mãe morta, percebe-se que apesar de detalhar suas emoções, o narrador cria o cenário no qual perpassa a cena, uma casa no interior, situada em ambiente de seca, com abundância de plantas como o mandacaru, símbolo nordestino e característicos de regiões do semiárido. Em destaque, Moura situa sua localização, no quarto da mãe perto da cama.

[trecho 2 – quarto] Aquele quarto, aquela cama, o baú, a santa na parede, era só o que me restava dela. Da pessoa dela. (QUEIROZ, 2010, p. 18)

A imagem evoca, considerando os trechos, uma lembrança acerca do que é exposto por Rachel de Queiroz em suas narrativas, nesse sentido, ponderamos a relação de afetividade encontradas na obra, suas idealizações literárias recriam um panorama que transmite em seus espaços elementos recebidos de suas vivências, a descrição não se sujeita a descrever um local, mas a partir dessas caracterizações nutrir em sua história a verossimilhança entre os espaços, englobando delicadeza em representar os espaços que potencialmente lhe serviram de inspiração.

A página em branco de um escritor se escreve, portanto, a partir do seu conteúdo de reescritura, numa espécie de palimpsesto aonde as rasuras ganham tonalidades de inventiva e o novo se faz pela consubstanciação ao antigo, no que se estende por ficção, numa lavoisierização da escrita, onde nada se cria, mas tudo se transforma nas sucessivas reescritas da linguagem (MENEGETTI, 2005, p. 2).

A recriação também ocorre na construção das fazendas “Limoeiro” e “Casa Forte” a partir das características da fazenda “Não me deixes”.

Imagem 2 – “Não me deixes” a partir da janela da casa principal



Fonte: Produção da pesquisadora.

“[trecho 1 – “Não me deixes”] Fossem se escondendo pelo mato alto até à represa do açude. Aproveitassem enquanto os desgraçados não derrubavam a cerca do lado, fechando o cerco da casa. (QUEIROZ, 2010, p. 46)

“[trecho 2 – “Não me deixes”] Saí no alpendre e João Rufo me acompanhou; trazia o seu pito de barro com o forno para baixo, pra não se ver a brasa. Foi até a sombra do juazeiro novo, no terreiro, espiar; quando voltou, lhe cochichei: [...] (QUEIROZ, 2010, p. 34)

“[trecho 3 – “Não me deixes”] Da festa da cumeeira à casa pronta foi, a bem dizer, um átimo. Logo se rebocou o que era de parede, logo se ladrilhou o chão, logo se fez o fogão de jirau junto à janela da cozinha. Depois as duas mãos de cal, cal nossa, da lavra, queimada no meu forno da Casa. Forte”. (QUEIROZ, 2010, p. 273)

Na imagem 2 podemos visualizar uma segunda casa por trás da casa principal, assim como as demais casas dentro da fazenda todas contêm alpendre e são pintadas de branco com portas azuis, um açude logo após, e a vegetação característica. Não são apenas os elementos em destaques que evocam essas narrativas, mas todo o contexto do espaço e a relação entre o desenvolvimento da história, Moura enfatiza nos trechos uma perspectiva que nos faz perceber uma espécie de contentamento e satisfação ao apresentar aquele ambiente.

Rachel de Queiroz perpassa em sua obra uma satisfatória tentativa de eternizar suas memórias, configurando uma habilidade de enfatizar nos seus moldes estruturais noções entre espacialidade e memória, sua vida e obra se fundem em conjunto de recriações dos espaços na obra e na vida. [...] “o ato de ler funcionaria como o momento essencial, visto que tanto na

produção historiográfica, quanto na literatura, é ele o responsável pela efetuação do texto, ou seja, pela concretização de uma intencionalidade que tem por base a refiguração do tempo, comum à história e à ficção” (MUNNER, 2012, p.1).

A característica regional delimitada entre as narrativas da obra, fundamenta aos leitores que suas expressões acarretaram um vislumbre de determinada localidade, porém Rachel de Queiroz não narra apenas com o intuito de situar horizontes, mas de conceber uma relação entre leitor e a obra, valendo-se de afinidade com o que é exposto trazendo o leitor a aprofundar em suas intimidades revestidas de adereços e fulgor.

Imagem 3 – Entrada da Fazenda “Marias Pretas” (Quixadá – CE)



Fonte: Produção da pesquisadora.

[trecho 1 – “Marias Pretas”] Mas tanto Pai quanto Mãe só chamavam o pessoal das Marias Pretas de “gente ruim, gente muito ruim”. (QUEIROZ, 2010, p. 33)

[trecho 2 – “Marias Pretas”] Embora costumasse me dizer que aquela raça das Marias Pretas era tudo gente de veia ruim. (QUEIROZ, 2010, p. 159)

[trecho 3 – “Marias Pretas”] Felizmente a terra era herança do Avô, pai de Pai, não tinha nada a ver com aqueles almas de sapo das Marias Pretas. (QUEIROZ, 2010, p. 166)

A fazenda Marias Pretas é constituída por diversas casas, diferente da fazenda Não me deixes não possui cercas para delimitação dos territórios o que possibilita aos visitantes a curiosidade de perceber aquele ambiente como uma fazenda ou localidade, as casas ainda são mantidas com as características estruturais das residências das décadas passadas, alpendre, com muretas e portas de madeira. Porém este espaço não será analisado como os dois acima, trabalharemos na percepção da carga efetiva instalada na construção da narrativa relacionada a Marias Pretas, Moura refere-se aos indivíduos que residem no local pelo nome da fazenda, sempre pontuando seus desafetos. No que procede percebemos a tênue linha entre realidade e ficção refletindo os laços afetivos da autora em cada espaço, a sua habilidade de

evocar em suas narrativas elementos moldados criativamente confundindo-se com o mundo fictício e reconfigurando esses espaços. Como afirma Meneghetti:

[...] olhar os muitos e diversos lugares a partir do seu teor mítico, aonde os afetos e desafetos constroem complexos espaços representativos da totalidade humana e de mundo, quer seja nos seus cenários reais de lugares, situações, coisas, seres e pessoas, quer seja no imaginário da ficção construída por um autor em seu narrativo rememorar afetivo. (MENEGHETTI, 2005, p.4)

Rachel de Queiroz consegue em seu cenário realizar representações que se fundem ao seu ideológico, perpassando às vivências e experiências da autora, neste ponto as memórias de Rachel e Moura se entrelaçam, criando um cenário cheio de riquezas simbólicas e vividas. Como afirma Peter Taylor (1994, p. 151 *apud* Silveira, 2011, p. 42), “territorialidade é uma forma de comportamento que usa um espaço delimitado, um território, como instrumento para assegurar um resultado particular”. Nos fazendo refletir em que potência as percepções de territorialidades aceitas por Moura influencia em suas decisões durante a história de sua personagem, Limoeiro e Serra dos padres. No mais, a carga negativa posta ao decorrer do livro proporciona ao local aspectos pesados, fazendo com que o leitor sinta um distanciamento afetivo pelos personagens que ali residem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *corpus* de nossa pesquisa foi constituído com dados da obra, além de visitas às localidades, diálogos com os moradores, com o intuito de propiciar uma interpretação acerca do tema proposto, trabalhando os principais cenários da obra *Memorial de Maria Moura*.

Os objetivos foram realizados através dos métodos analítico, interpretativista e exploratório. Nesse escopo, a pesquisa deu-se início através de uma revisão bibliográfica baseada em estudos sobre territorialidade, memória e afeto e leitura do livro *Memorial de Maria Moura*, de Raquel de Queiroz, o que nos permitiu criar uma perspectiva mais próxima da realidade da pesquisa. As visitas fundamentaram na pesquisa um valor epistemológico e afetivo, pois através dos estudos podemos compreender a relação de Rachel de Queiroz e os moradores com a terra que residem. “Por fim, é pela refiguração do tempo durante o ato de leitura que a história se entrecruza com a ficção, [...] será o fenômeno do verossímil que englobará as potencialidades do real e os possíveis da ficção.” (MUNNER, 2012, p. 3 *apud* RICOEUR, 1997).

Memórias e afetos são alimentos para a territorialidade construídas pelas narrativas de Maria Moura. O exercício metonímico que ocorre na vida de Raquel para a escolha do nome

da fazenda “Não me deixes” está presente também na forma como ela critica a disputa territorial dos primos de Maria Moura. Toda a carga negativa recai sobre Marias Pretas, os nomes dos primos, as pessoas não são valorizadas discursivamente.

A vida e a arte se entrelaçam nos jogos literários, mas também nos afetos e nas memórias, tornando a obra analisada um objeto rico para que historiadores possam compreender traços culturais e sociais específicos da cidade de Quixadá – CE.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FILHO, Ítalo Meneghetti. **Por uma Epistemologia do Espaço Ficcional em Literatura: a geografia do afeto**. Vol. 3. N. 7. GARRAFA, 2005.

MATSUOKA, Sayuri Grigório. **Espaço e Personagem na Ficção de Eça de Queirós e de Machado de Assis**. Fortaleza: UFC, 2018.

MENEZES, Hilário José; CARDOSO, Eduardo Schiavone. **Território e territorialização: questões conceituais para uma abordagem e leitura dos movimentos sociais**. Vol. 18. N. 3. Revista Pegada, 2017.

QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: 1997.

SANTOS, Márcia Pereira dos. **História e Memória: Desafios de uma Relação Teórica**. Vol. 7. N. 9. OPSIS, 2007.

SILVEIRA, Maria Laura. **Novos acontecimentos, novas territorialidades**. In: DIAS, L. C. I.; FERRARI, M. [orgs]. Territorialidades Humanas e Redes Sociais. Florianópolis: INSULAR, 2011.

ANEXO I

LIMOEIRO (1)	MARIAS PRETAS (2)	CASA FORTE (3)
Eu já estava caída no chão, de joelhos, gritando sempre, batendo com a cabeça nos ladrilhos. Vi quando João levantou Mãe e carregou com ela para a cama, deitou Mãe no colchão, com todo cuidado, como se fosse uma criança. Eu me arrastei nos joelhos até aos pés da cama, João Rufo ia cobrindo o rosto de Mãe com a ponta do lençol, mas eu puxei a mão dele e gemi [...] Pg.17	É que eu tinha prometido a ela que ia enxotar aqueles seus primos das Marias Pretas, sempre inventando desavença, encrenca... E agora, ela morta, e eu sem uma procuração completa — o escrivão disse “uma procuração bastante” —, não posso fazer nada mais pelo que é seu... Pg. 19	FOI DURO E FOI devagar. Mas agora estava eu no alpendre da minha Casa Forte, olhando o mundo em redor: lá embaixo na várzea, lá em cima na serra e, para os dois lados, as perambeiras do pé do morro. Pg.206
Me trouxeram um chá, me arrastaram à força para fora do quarto, me deitaram no bangüê de couro da sala. Pg. 17	Mas tanto Pai quanto Mãe só chamavam o pessoal das Marias Pretas de “gente ruim, gente muito ruim”. Pg. 33	Numa tarde de sábado, chegou à Casa Forte no portão um homem a cavalo, com dois moleques de guarda-costas. O Pagão, que ia ficando um rapazinho, é que nos servia de porteiro e destrancava o cadeado do portão, mas tinha ido à bodega, no Riacho da Bruga, e foi mesmo Duarte abrir. Pg. 230
Aquele quarto, aquela cama, o baú, a santa na parede, era só o que me restava dela. Da pessoa dela. Pg. 18	Um dos meninos dele, o Zé Soldado, ainda cozinhava uma rixa velha com o pessoal das Marias Pretas: tinha sido desfeitoado por eles durante uma festa de novena. Pg. 45	Ao pé dos dois serrotes, como fechando o espaço entre um e outro, a Casa Forte de Maria Moura, toda branca, de oitão levantado, alto, alpendrada à frente; e aquela cerca também alta e cerrada, com os seus mourões de ponta aguda. Até dava um certo medo — respeito, pelo menos, dava. Pg.249
No meio da noite eu escutava o Liberato chegando da vila, as esporas tinindo no ladrilho. Ele via a réstea de luz da candeia, acesa no meu quarto, às vezes com o pávio quase apagando. Batia de leve na porta, com os nós dos dedos, entrava sem me dar tempo de responder. Pg.18	Quando o dia amanhecesse, procurassem a casa dos tios e da avó delas, que não ficavam longe. E sempre guardando segredo, pra depois não serem perseguidas pelo pessoal das Marias Pretas. 46	Depois de acomodado num quatinho, no alojamento dos homens, aos cuidados de João Rufo, ele a princípio só cuidava de dormir, comer (pouco), dar uns curtos passeios por perto. João Rufo me dizia que o pobre do Beato estava tão fraco que até um pé-de-vento era capaz de dar com ele em terra. Pg.260
Quem sabe ele só andou uma parte do caminho, voltou na calada da noite, entrou no quarto pela janela que tinha o fecho quebrado (ele sabia do dismantelo do ferrolho, dormia toda noite naquele quarto) e se enfiou pela cama dizendo mansinho que tinha tido saudade... Pg.20	Embora costumasse me dizer que aquela raça das Marias Pretas era tudo gente de veia ruim. Pg. 159	A CASA DA MARIALVA ia se levantando depressa. O mais trabalhoso era a madeira, mas fizemos um adjunto: e só não foi mais gente porque faltou machado. Pg. 271
João Rufo? Não, não. João Rufo nasceu no Limoeiro, filho do vaqueiro Rufo. Pg. 21	Felizmente a terra era herança do Avô, pai de Pai, não tinha nada a ver com aqueles almas de sapo das Marias Pretas. 166	Da festa da cumeeira à casa pronta foi, a bem dizer, um átimo. Logo se rebocou o que era de parede, logo se ladrilhou o chão, logo se fez o fogão de jirau junto à janela da cozinha. Depois as duas mãos de cal, cal nossa, da lava,

		queimada no meu forno da Casa Forte. Pg. 273
No dia seguinte esbarrei com o Jardimino no curral. Acho que ele já me esperava, meio escondido atrás da cerca. Deixei que me abraçasse, me desse uns cheiros pelo pescoço e um beijo no rosto. Pg. 22	Só não se poupa se for inimigo declarado, como por exemplo eu com os malacaras das Marias Pretas. Pg. 207	Conhecia já as árvores mais importantes, da madeira de lei aos paus de lenha. Ia ver os homens brocando os roçados e remendando as cercas, que era tempo disso. É que eu, na Casa Forte, fazia questão de que não se apresentasse ali somente um coito de perseguido, mas uma fazenda de verdade. E, com o passar do tempo, a gente já contava até com uma renda certa no gado. Já mandava vender lote de boi gordo, logo que apertasse o verão. P.275
Da terceira vez ele já me chegava mais atrevido; e eu, vendo que ele rondava por perto, de novo me sentei no parapeito do alpendre, como quem não quer nada. Pg. 22	Nas Marias Pretas nunca vi um tostão furado. Pg. 211	Quando cheguei à Casa Forte, entrando pelos fundos, avistei logo o Duarte, do lado de fora, mas encostado à janela da cozinha; nu da cintura para cima, se banhava numa cuia de água que a mãe, debruçada no peitoril, ia lhe despejando pela cabeça e pelas costas. Pg. 283
Jardilino escorregou para fora da mureta, fez um rodeio pelo mato, sumiu. Eu também sumi para o quarto, me enfiei na minha rede. Pg. 22	O carvão se faz aqui mesmo; o enxofre, um boticário da rua, conhecido velho desde os tempos das Marias Pretas, poderá arranjar. Pg. 233	Pedi a Duarte que puxasse o baú e descobrimos o alçapão. Duarte pegou dentro do baú a chave que eu tinha posto no meio de uma cambada grande, fora de uso, pra disfarçar bem. Pg. 309
Já sei! Aqui em casa tem um bacamarte velho, que é mesmo do Liberato. Ele escondeu em cima do caixão da farinha, no paiol. Pg. 23	Aqueles patetas das Marias Pretas se pabulavam muito, mas na verdade nunca tinham sido homens de cometer uma morte, mesmo sendo preciso. Pg. 330	Era um quartinho disfarçado entre as paredes da salas e dos quartos, mas tudo tão bem encoberto, que o exame mais exigente não tinha como encontrar nem rastro do cômodo extra. Pg. 214
Quando as meninas se deitarem, eu vou no paiol e pego o bacamarte. Enrolo num pano e deixo ao pé do último degrau, na escada da cozinha. Você sai agora, na vista de Pg. 23		E fiz o meu cubico tão bem disfarçado que qualquer pessoa, até mesmo a mais esperta, não ia conseguir atinar com o nosso jogo das paredes. Os cantos das duas salas e os dois quartos se desencontrando, para ocultar aquele vão metido no meio. Pg. 216
Quando as meninas fecharam a porta do quarto, eu peguei a chave do paiol. Entrei lá, me trepei num caixote: lá estava a arma, como eu tinha guardado na véspera, enrolada na estopa, com a vareta ao lado. Pg. 24		O cubico não tinha porta nem janela, as paredes corriam lisas, como se pode ver pelo risco. Só no meu quarto se abria um alçapão com uns três palmos de alto e uns quatro de largura; e trancado com uma fechadura de segredo, de que eu trazia sempre a chave pendurada no meu cinto. Pg. 216
[...] mais de manso que pude abri a porta do paiol, empurrei o bacamarte para cima do		Tapando o alçapão, encostamos à parede o meu baú grande, taxado, aquele do M.M. O chão do cubico

caixão de oito palmos de altura. Para alcançar bem fundo, empurrei o pacote com a tranca da porta que encontrei encostada na parede. Pg. 24		tinha um fundo falso; quem fez todo o trabalho foi Duarte. Era cavado palmo e meio de fundura, ladrilhado, e, na altura do rés do chão, corria em cima dele um assoalho de que se podia levantar uma parte. Pg. 216
[...] nosso sítio do Limoeiro, dentro do distrito de Vargem da Cruz, boa terra de planta e cria, agora meio abandonado, é verdade [...] Pg. 35		Pois debaixo desse fundo falso eu fiz o meu cofre, onde guardava os meus ouros e o dinheiro; onde até podia guardar as escrituras da terra, quando as tivesse na mão. Pg. 216
Menti que a Chiquinha dormia comigo no quarto. Ele exigiu que eu mandasse a menina embora para o quarto dela, junto com a Zita. Pg. 25		Descendo, mandei em seguida preparar um quarto para Duarte no lado dos homens, às esquerdas da casa. Pg. 211
Me pediu emprestada a garrucha de Pai e eu disse que ela devia estar no baú grande de Mãe. Pg. 26		
Agora não dá. Volte no tarde da noite, empurre a janela do meu quarto. Eu vou deixar só encostada. Pg. 26		
Me senti tão enfurecida que de novo me levantei do banco corri e abri a cancelinha do alpendre. E botei os dois pra fora: [...] Pg. 29		
Chamei João Rufo, que escutava por perto, encostado no pé de jucá do terreiro: [...]Pg. 29		
Afinal, quando me acalmei chamei os homens que eu tinha no sítio. Além de João Rufo, eram meus moradores dois velhos dos tempos de Pai: o tirador de leite, Eliseu, e Chico Anum, que tomava conta da planta — o feijão, o milho e a mandioca. Pg. 31		
[...] mas comigo é diferente. Aqui eu estou na minha casa. Este sítio é meu, foi o que meu pai sempre me disse. Se os ladrões dos meus primos querem tomar o que é meu, que venham, com delegado e tudo. Eu enfrento. Da minha casa só saio à força e amarrada. Pg. 31		
Para o Alípio, o sobrinho do Eliseu, eu estava pensando na arma do Liberato, escondida em cima do caixão da farinha. Pg. 32		
Não precisa que fique todo mundo acordado; basta um de sentinela. As meninas trouxeram duas redes que vocês podem armar no alpendre da lenha, atrás da cozinha. O de sentinela trate de se esconder na sombra. Pode até se sentar na sapata de pedra do oitão. Pg. 33		
Eu vou armar a minha rede no quarto dos arreios. Mas também fico de olho aberto. Pg. 33		

Me fervia o sangue, pensar que aquele bando de insetos tinha a ousadia de vir me ameaçar dentro da minha casa! A casa do meu pai e da minha mãe, a casa onde eu tinha nascido; que tinha sido a casa da minha avó, levantada de telha e taipa pelo meu próprio bisavô! Pg. 34		
Abri um pouco a janela da cozinha, vi as redes armadas, um homem dormindo em cada uma. No quarto dos arreios, à luz da candeia, João Rufo, assentado na rede dele, se balançava. Me disse que estava rezando. Fiz sinal para ele ficar quieto, cheguei na porta da frente, entreabri de leve, não vi ninguém. Pg. 34		
Saí no alpendre e João Rufo me acompanhou; trazia o seu pito de barro com o fomo para baixo, pra não se ver a brasa. Foi até a sombra do juazeiro novo, no terreiro, espiar; quando voltou, lhe cochichei: [...] Pg. 34		
Fui até o oitão, lá estava o rapaz, arma no joelho, sentado na sapata. Me viu, porque levou a mão no chapéu. Pg. 34		
Vinha correndo do fogão para o quarto, medrosa de deixar cair a brasa em cima do meu pé. Pg. 35		
Ficou com aquela espinha atravessada na goela. Por isso queria sair no terreiro e acabar com eles, nem que fosse a ferro frio. Pg. 45		
Mas esse meu desejo de ir embora não tem nada a ver com o meu amor pela casa e pela terra: aqui nasci e me criei. Pg. 45		
O mais que sai é até o quintal para dar milho às galinhas, uma fugidinha ao roçado antes do sol quente, trazer maxixe ou melancia, umas vagens de feijão verde. O curral é proibido, vive cheio de homem. E ainda tem o touro, fazendo pouca vergonha com as vacas. Fica até feio moça ver aquilo. Pg. 46		
Fossem se escondendo pelo mato alto até à represa do açude. Aproveitassem enquanto os desgraçados não derrubavam a cerca do lado, fechando o cerco da casa. Pg. 46		
Os arreios já estavam na estrebaria. Pg. 46		
As meninas, roxas de medo, tremendo e chorando, saíram pela portinhola da lenha, no fundo da cozinha. Pularam uma atrás da outra, já caíam agachadas, se escondendo na sombra do chiqueiro das galinhas. Passaram por um buraco da cerca, se sumindo dentro do mato alto. Pg. 47		

Os homens do Tonho, na frente, não deram fé de coisa nenhuma. Mas quando o Chico Anum se esgueirou na direção da estrebaria, para me selar o cavalo, parece que eles viram uma sombra por trás da cerca e deram um tiro; mas o velho era ladino, se grudou na cerca, esperou e saiu afinal, como um gato. Pg. 47		
Aquela cerca foi a nossa salvação. Era alta, de faxina, corria pelo quintal, saindo do lado da casa, até alcançar a outra cerca, a do curral. Protegia um roçadinho de fundo de quintal onde Mãe plantava melancia, milho, feijão para se comer verde. As chibatas do milho, pendoadas, tinham mais de uma braça de altura. Parecia uma mata fechada, aquele roçadinho de Mãe. Pg. 47		
Pela tarde, eu já tinha mandado retirar uns paus de cerca para garantir a comunicação da casa com os cavalos, na estrebaria. Pg. 47		
Fui até o quarto, beijei o lugar onde ficava a santinha de Mãe. Abri os braços, abracei e beijei as paredes da minha casa, me despedindo para sempre. Pg. 48		
A porteira dos fundos do curral, para onde a estrebaria tinha uma saída, já estava aberta. Pg. 48		
Agora se acabou a Sinhazinha do Limoeiro. Quem está aqui é a Maria Moura, chefe de vocês, herdeira de uma data na sesmaria da Fidalga Brites, na Serra dos Padres. Pg. 60		
Era assim que eles agora me chamavam: a Dona. Às vezes diziam também ‘Dona Moura’ e eu achava que estava bem. Acabada era a ‘Sinhazinha’ do Limoeiro; Pg. 106		
Lá no Limoeiro, Mãe gostava de deixar um ovo de Indez no ninho, servindo de chama pras galinhas. Pois a vaquinha vai ser o nosso indez, pra começar a boiada. Pg. 128		
No fim de umas duas semanas o Amaro já vinha me trazer, ao pé da rede, manhãzinha, no quebrar da barra, a caneca de leite mugido da Indez. Parecia que a gente voltava aos tempos do Limoeiro. Pg. 128		
As paredes rebocadas, caiadas, como as do Limoeiro. Pg. 206		

Eu nem me lembrava dele, não visitava as Marias Pretas desde a morte de Pai, e ele não ia nunca no Limoeiro. Pg. 208		
--	--	--

ANEXO II

Igreja localizada na Fazenda Olho D'água – Quixadá-CE.



Fonte: Produção da pesquisadora.

Fazenda Olho D'água – Quixadá-CE.



Fonte: Produção da pesquisadora.

ANEXO III

Casa antiga, local conhecido por Ema – Quixadá-CE.



Fonte: Produção da pesquisadora.

Casa antiga, local conhecido por Ema – Quixadá-CE.



Fonte: Produção da pesquisadora.

ANEXO IV

Fazenda “Não me deixes” - Quixadá – CE



Fonte: Produção da pesquisadora.

Fazenda “Não me deixes” - Quixadá – CE



Fonte: Produção da pesquisadora.

Fazenda “Não me deixes” - Quixadá – CE



Fonte: Produção da pesquisadora.

Fazenda “Não me deixes” - Quixadá – CE



Fonte: Produção da pesquisadora.